

Gozei numa hora séculos de afagos,
Banhei-me na água de risonhos lagos,
E finalmente me cobri de flôres...
Mas veio o vento que a Desgraça espalha
E cobriu-se com o pano da mortalha,
Que estou cosendo para os meus amôres!

Desde então para cá fiquei sombrio!
Um penetrante e corrosivo frio
Anestesiou-me a sensibilidade
E a grandes golpes arrancou as raízes
Que prendiam meus dias infelizes
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do êrro.
A tarde morre. Passa o seu entêrro!...
A luz descreve ziguezagues tortos
Enviando à terra os derradeiros beijos.
Pela estrada feral dois realejos
Estão chorando meus amôres mortos!

E a treva ocupa tôda a estrada longa...
O Firmamento é uma caverna oblonga
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.
E como agora a lua cheia brilha!
Ilha maldita vinte vêzes a ilha
Que para todo o sempre me fêz triste!

Partindo do pressuposto de um amor sacrificado por ato de violência, não me foi difícil apanhar o tênue fio que me conduziria a outras descobertas. O primeiro ato do drama passional fui encontrá-lo em *Monólogos de uma Sombra*, quando o poeta, metamorfoseado em um sátiro, mostra o cancro do remorso que tem na consciência, desde que delinquir contra as relíquias do amor.

As alucinações tactis pululam.
Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das môscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!